

AS CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA CIENTÍFICA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA

Rogério do Amaral

Mestre em Teoria Literária pela Unesp – Assis-SP
Professor da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho”
UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista
rgamaral@unoeste.br

Resumo

O presente artigo objetiva mostrar aos discentes como a pesquisa auxilia na formação e na aquisição de conhecimento, afastando a visão fantasmagórica que os discentes têm da prática científica. Os objetivos específicos relacionam-se à discussão das diferentes formas de conhecimento, assim como apontar contribuições da pesquisa na formação acadêmica profissional. Adota-se como metodologia, a pesquisa qualitativa, a pesquisa bibliográfica e a técnica de coleta de dados da entrevista. Quanto aos resultados, percebeu-se que os sustos provocados pela prática científica estão ligados ao desconhecimento do aluno sobre a função da pesquisa, pois depois do contato com essa atividade todos passam a reconhecer a contribuição da prática para a sua formação acadêmica e profissional.

Palavras-chave: conhecimento, formação acadêmica e profissional, pesquisa científica.

Abstract

The present article aims to show to the pupils how the research assists in the formation and in the acquisition of knowledge, moving away the fantasmagoric vision that the pupils have of the scientific practice. The specific objectives are related to the quarrel of the different forms of knowledge, as well as pointing contributions of the research in the professional academic formation. It is adopted as methodology, the qualitative research, the bibliographical research and the technique of collection of data of the interview. About the results, it was perceived that the scares provoked by the scientific practice are linked to the unfamiliarity of the pupil on the function of the research, therefore after the contact with this activity all start to recognize the contribution of the practice for their academic and professional formation.

Key-words: knowledge, professional and academic formation, scientific research.

1 Introdução

Este artigo nasce da experiência vivida pelo autor dentro da sala de aula, ministrando disciplinas na área de metodologia científica e observando a dificuldade dos discentes em reconhecer o importante papel que a pesquisa pode acrescentar à sua formação profissional. Diante desse quadro, o presente artigo procura debater a seguinte questão: como a pesquisa científica contribui para a formação acadêmica e profissional? E qual a forma mais adequada para a sua utilização como método para obter conhecimento?

O objetivo dessa investigação é mostrar aos discentes que a pesquisa visa à formação, portanto deve ser tomada como uma forma de contribuição e não como o monstro aparente, capaz de provocar tanto medo e afastar os alunos dessa experiência gratificante. Quanto aos objetivos específicos, pretende-se discutir as diferentes formas de conhecimento e apontar contribuições da pesquisa na formação acadêmica profissional.

Para contemplar esses objetivos, adota-se a pesquisa qualitativa, cujo cerne consiste no aprofundamento sobre o objeto estudado, que dentro

desse artigo refere-se à compreensão dos motivos para que os discentes tenham tanto medo da prática científica. Emprega-se também a pesquisa bibliográfica, para a investigação das teorias abordadas, especialmente, o que tange tipos de conhecimento e características da pesquisa científica. Também será empregada a técnica de coleta de dados da entrevista, ouvindo alunos da Faculdade de Comunicação Social “Jornalista Roberto Marinho” de Presidente Prudente, sobre as expectativas que eles apresentam em relação ao trabalho científico.

O presente artigo apresenta-se dividido em três capítulos, sendo o número dois voltado para a discussão acerca da teoria do conhecimento e as diferentes formas de aprendizagem. O capítulo três tratará da temática da pesquisa, definindo seus conceitos e características e apresentando os motivos para sua sistematização. Depois, dentro do capítulo quatro serão discutidas as formas de contribuição da pesquisa para a formação discente, apresentando aos leitores que a pesquisa, quando realizada de maneira objetiva, pode auxiliar significativamente na construção do saber.



2 Conhecimento: as Diferentes Formas para Aprender

O ser humano, na sociedade atual, precisa estar preparado para enfrentar várias batalhas. Tais disputas, na maioria das vezes, serão vencidas a partir do conhecimento apresentado por cada ser. No entanto, esse conhecimento não se refere apenas a ensinamentos ministrados em sala de aula, seja no ensino fundamental ou na universidade, mas tange tudo aquilo que contribui para o crescimento e o desenvolvimento das pessoas. De acordo com Gil (1999, p. 19), “o ser humano valendo-se de suas capacidades, procura conhecer o mundo que o rodeia [...] desenvolvendo sistemas mais ou menos elaborados que lhe permitem conhecer a natureza das coisas e o comportamento das pessoas”.

No entanto, deve ser ressaltado o fato de que essa busca do conhecimento pode ser adquirida de maneiras distintas. Na verdade, sabe-se que o mesmo é fruto de quatro modalidades: a experiência cotidiana, a ciência, a filosofia e a religião. Uma modalidade não descarta as demais, e cabe a cada pessoa escolher a forma que norteará a sua vida. Segundo Garcia (1988, p. 23), “[...] eles se propõem objetivos diferentes, que perseguem através de caminhos

diversos [...], objetos de estudos diferentes.”

Assim, esse capítulo apresentará na sequência uma breve definição de conhecimento e as principais características dos conhecimentos empírico, científico, filosófico e religioso.

Segundo Hessen (1987, p. 26), “no conhecimento encontram-se frente a frente a consciência e o objeto, o *sujeito* e o *objeto*. O conhecimento apresenta-se como uma relação entre esses dois elementos [...]”, ou seja, para que o conhecimento possa existir é necessário a presença de um ser interessado em descobrir algo novo sobre um objeto qualquer. Para o autor, “a relação entre esses dois elementos é ao mesmo tempo uma correlação”.

Sobre essa relação Hessen (1987, p. 29), ainda afirma que “[...] a correlação do sujeito e do objeto só é inseparável dentro do conhecimento [...]”, isto é, a relação só acontece dentro do conteúdo que está sendo estudado. O autor ainda relata que a verdade está relacionada à essência do conhecimento, pois “verdadeiro conhecimento é somente o conhecimento verdadeiro. Um conhecimento falso não é propriamente conhecimento, mas sim erro e ilusão”.

Já para Garcia (1988, p. 67):



Conhecer significa [...] descrever um fenômeno, sejam em suas particularidades estruturais, seja em seus aspectos funcionais; prever a probabilidade de ocorrência futura de um evento [...]; e, por fim, manipular e utilizar [...], um objeto qualquer, além de reproduzi-lo, alterando, até, suas características básicas.

Entende-se então que adquirir conhecimento não é apenas saber sobre um objeto, mas ter a capacidade de utilizá-lo, extraindo assim, todos os recursos que ele possa oferecer para a sociedade.

Para Garcia (1988, p. 67), “desenvolvemos essas habilidades, descrever e manipular, através da observação e da comparação [...] de fenômenos, identificando entre eles ou algumas diferenças, o processo de discriminação, ou certas semelhanças, a generalização”. Portanto, conhecer exige a capacidade de interpretar os fatos que ocorrem ao redor de cada pessoa, extraindo deles os pontos comuns e também suas diferenças.

Quanto aos níveis de conhecimento, Garcia (1988, p. 69) afirma que o conhecimento empírico ou senso comum, “orienta e capacita o homem a viver seu cotidiano, a reconhecer os fenômenos e os seres de sua realidade, equipa-o para solucionar seus problemas mais

simples, facultando a sobrevivência enfim.”

Sobre a filosofia, o autor (1988, p. 71), relata que ela:

[...] pode espalhar-se por um campo estritamente abstrato, independente, em princípio, de qualquer fenômeno observável, mas, [...] seu processo de investigação se inicia, sempre, alicerçado sobre um objeto ou um evento concreto, centrado no mundo tangível.

Enquanto isso, o conhecimento científico, segundo Garcia (1988, p. 72), “pretende, [...] prever e controlar a ocorrência de determinados fenômenos, além de descrevê-los minuciosamente, localizando-os dentro de categorias específicas e de classes características.”

Quanto ao conhecimento religioso, o autor (1988, p. 87) relata que se trata de “uma forma de conhecimento, com algumas características e particularidades, e que, como as outras formas de conhecimento, se amplia e se modifica com o tempo e de cultura para cultura”. O autor ainda afirma que para falar do conhecimento religioso é necessário entender o conceito de religião, ou seja, “[...] a crença na existência do ‘sobrenatural’, do ‘sagrado’, considerado, tantas vezes, como o criador de todas as coisas [...].” (GARCIA, 1988, p. 88).



Já Marconi e Lakatos (2005, p. 75) afirmam que “ao se falar em conhecimento científico, o primeiro passo consiste em diferenciá-lo de outros tipos de conhecimento existentes”. Para as autoras (2005, p. 76), “o conhecimento popular [...] não se distingue do conhecimento científico nem pela veracidade nem pela natureza do objeto conhecido: o que os diferencia é a forma, o modo ou método e os instrumentos do ‘conhecer’”, ou seja, as autoras reafirmam que a busca pelo conhecimento pode ser efetivada de maneiras distintas, uma vez que a ciência não é a única forma para se obter a verdade sobre determinado fato.

Quanto às definições dos tipos de conhecimento propostas por Marconi e Lakatos (2005), destacam-se as afirmações de que o conhecimento popular é valorativo e assistemático, isto é, fundamenta-se em estados de ânimos e emoções, sem nenhuma sistematização das idéias. Já o conhecimento filosófico é apresentado como racional e não verificável, pois se desenvolve a partir de ideias emergidas da experiência e não da experimentação, formando enunciados de hipóteses filosóficas que não podem ser confirmadas nem refutadas. O conhecimento religioso é definido como um campo de proposições sagradas

reveladas pelo sobrenatural, por tanto é inspiracional, uma vez que é aceito a partir da fé que as pessoas depositam nessa revelação divina. Por fim, o conhecimento científico é mostrado como real (factual) e contingente, lidando com todos os fatos e objetos que podem ter sua veracidade provada por meio da experiência.

As afirmações de Marconi e Lakatos permitem depreender que se adquire conhecimento por meio da vivência cotidiana (popular); da razão (filosofia); da fé (religioso) e da experimentação (científico). Segundo as autoras (2005, p. 80), a investigação sobre determinado objeto pode ser realizada por intermédio de uma única forma, ou então, mesclando esses tipos de conhecimento, lógico que respeitando seus princípios de atuação.

No entanto, este artigo propõe mostrar aos discentes as contribuições da pesquisa científica na formação acadêmica. Portanto, dentre essas formas de conhecimento, destaca-se aquela norteadas pela ciência, que Marconi e Lakatos (2005, p. 80) definem como “uma sistematização de conhecimentos, um conjunto de proposições logicamente correlacionadas sobre o comportamento de certos fenômenos que se deseja estudar”, pois é essa normatização de estudo que contribuirá



na formação profissional nas mais variadas áreas de estudo.

A partir dessa definição dos tipos de conhecimento e da identificação do conhecimento científico como o mais adequado para as instituições acadêmicas, uma vez que o papel da universidade é proceder a estudos nas mais variadas áreas e comprovar os resultados obtidos, o próximo capítulo apresentará o papel da pesquisa na busca por novos conhecimentos, assim como todas as formas sistematizadas de coleta de dados.

3 Pesquisa: um estudo sistematizado

De maneira geral, Houaiss e Villar (2001, p. 2200), definem pesquisa como “investigação ou indagação minuciosa”. Mas, esse cuidado com o levantamento de dados não é a única característica por trás de uma pesquisa, tanto que os autores também a classificam como “conjunto de atividades que têm por finalidade a descoberta de novos conhecimentos no domínio científico, literário, artístico etc.” Já a junção dessas duas características permite associar a pesquisa ao campo científico, pois se trata de um trabalho aprofundado em busca de novas descobertas.

Gil (1999, p. 42), confirma essa afirmação ao relatar que pesquisa é “o processo formal e sistemático de

desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos”

Da mesma forma, Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 57) afirmam que a pesquisa:

[...] parte, pois, de uma dúvida ou problema e, com o uso do método científico, busca uma resposta ou solução. Os três elementos – dúvida/problema, método científico e resposta/solução – são imprescindíveis, uma vez que a solução poderá ocorrer somente quando algum problema levantado tenha sido trabalhado com instrumentos científicos e procedimentos adequados.

Essa ideia é confirmada por Andrade (2001, p. 121) que classifica a pesquisa como “conjunto de procedimentos sistemáticos, baseado no raciocínio lógico, que tem por objetivo encontrar soluções para problemas propostos, mediante a utilização de métodos científicos”.

Quanto à questão da originalidade, Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 58) afirmam que:

[...] entende-se por *trabalho científico original* a pesquisa, de caráter inédito, que vise a ampliar a fronteira do conhecimento, que busque estabelecer novas relações de causalidade para fatos e fenômenos conhecidos ou que



apresente novas conquistas para o respectivo campo de conhecimento.

estudos descritivos e estudos que verificam hipóteses causais”.

Gil (1999, p. 43) diz que:

Para Cervo; Bervian e Da Silva (2007), a finalidade da pesquisa diferencia-se de um pesquisador para outro, devido às diferenças de habilitação apresentada por cada investigador. Para os autores, um iniciante busca “a aprendizagem e o treino das técnicas de investigação, refazendo os caminhos percorridos pelos pesquisadores.” (2007, p. 58), isto é, o aprendizado é adquirido por meio da repetição de estudos anteriores, permitindo a formação profissional desse iniciante.

Sobre a finalidade da pesquisa, Gil (1999, p. 42), a divide em pura e aplicada, definindo a primeira como aquela que “[...] busca o progresso da ciência, procura desenvolver os conhecimentos científicos sem a preocupação direta com suas aplicações e consequências práticas”. Já a segunda, “tem como característica fundamental o interesse na aplicação, utilização e consequências práticas dos conhecimentos”.

Quanto aos objetivos da pesquisa, Duverger (apud GIL, 1999, p. 43), “distingue três níveis de pesquisa: descrição, classificação e explicação”. Enquanto Selltiz et al (apud GIL, 1999, p. 43), “classificam as pesquisas em três grupos: estudos exploratórios,

As pesquisas exploratórias têm como principal finalidade desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores. [...] envolvem levantamento bibliográfico e documental, entrevistas não padronizadas e estudos de caso.

O autor ainda afirma que as pesquisas exploratórias “[...] são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, [...] acerca de determinado fato” (GIL, 1999, p. 43). Para ele, “as pesquisas exploratórias constituem a primeira etapa de uma investigação mais ampla”.

Para Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 63), “a pesquisa exploratória, [...] é normalmente o passo inicial no processo de pesquisa pela experiência e um auxílio que traz a formulação de hipóteses significativas para posteriores pesquisas”.

Sobre a pesquisa descritiva, Gil (1999, p. 44), relata que:

[...] têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis. [...] suas características mais significativas está na



utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados.

Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 61) diz que:

A pesquisa descritiva observa, registra, analisa e correlaciona fatos ou fenômenos (variáveis) sem manipulá-los. Procura descobrir, com a maior precisão possível, a frequência com que um fenômeno ocorre, sua relação e conexão com outros, sua natureza e suas características.

Gil (1999, p. 44) classifica a pesquisa experimental com o nome de explicativa. Segundo o autor, ela tem “como preocupação central identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos”. Já Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 63), afirmam que “a pesquisa experimental caracteriza-se por manipular as variáveis relacionadas com o objeto de estudo”.

Mas, independente do objetivo da pesquisa, para assumir a postura científica, precisa adotar métodos e técnicas de coleta de dados sistematizados e adequados para cada área de investigação.

Quanto ao método, Gil (1999, p. 26) define-o “como caminho para chegar a determinado fim”. Já o método científico é “[...] o conjunto de procedimentos intelectuais e técnicos adotados para atingir o conhecimento”.

Para Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 27), “método é a ordem que se deve impor aos diferentes processos necessários para atingir um certo fim ou um resultado desejado”. Quanto ao método científico, os autores o apresentam como “o conjunto de processos empregados na investigação e na demonstração da verdade”.

Já as técnicas de coleta de dados são classificadas por Cervo; Bervian e Da Silva (2007, p. 30), como “[...] os meios corretos de executar as operações de interesse de tal ciência”.

Dentre as técnicas de coleta de dados empregadas na pesquisa científica, destacam-se a pesquisa bibliográfica, a observação, a entrevista e aplicação de questionários e formulários.

A partir dessas características apresentadas pela pesquisa científica, assim como suas principais etapas e objetivos, o artigo desenvolve no próximo capítulo uma análise sobre a relação entre a pesquisa e a formação acadêmica.

4 A pesquisa e a formação acadêmica

Nos últimos cinco anos, no início de cada semestre letivo, um fato repete-se sistematicamente dentro das salas de aula, o comportamento de repulsa dos discentes à palavra pesquisa, principalmente, quando o termo



apresenta-se acompanhado da expressão científica.

Essa repetição no comportamento discente é a mola propulsora desse artigo, cuja finalidade consiste em discutir o motivo desse trauma acadêmico diante da investigação científica, assim como mostrar a importância dessa prática na formação profissional de cada estudante.

Assim, a busca pela motivação arredia dos discentes diante da pesquisa, deu-se através da aplicação de entrevistas. Todos os discentes matriculados nas disciplinas relacionadas à metodologia de pesquisa receberam por meio eletrônico uma lista contendo dez questões, cujo objetivo era verificar o porquê da repulsa antecipada a esse tipo de investigação, procurou também analisar se o contato com disciplinas específicas possibilitou uma outra visão sobre a pesquisa científica.

O período investigado por esse trabalho corresponde ao segundo semestre de 2009, quando a Facopp tinha aproximadamente cento e vinte discentes matriculados nas disciplinas de metodologia de pesquisa. No entanto, a investigação foi realizada com apenas dez por cento desse quadro, pois o autor entende que esse percentual é suficiente para conhecer o comportamento dos acadêmicos.

A primeira questão era relacionada ao primeiro contato com o termo pesquisa, e segundo os entrevistados, a escola foi lugar que tratou desse termo pela primeira vez, mas segundo eles, não existia nenhuma preocupação em definir se essa pesquisa era de cunho científico ou mercadológico.

Quanto questionados sobre o termo pesquisa científica, a maioria respondeu que somente na faculdade receberam instruções sobre o significado dessa expressão. Essa afirmação comprova a importância que a faculdade tem na formação dos futuros profissionais, pois a escola básica não se preocupa em colocar o discente em contato com esse mundo, nessa fase de ensino, pesquisar refere-se a encontrar a informação unicamente, sem a necessidade de discutir o motivo por ocorrer dessa determinada maneira ou de investigar as causas que levaram a tal resultado.

A quarta questão investigava a contribuição da pesquisa para a formação acadêmica e profissional, seguidos de questionamentos sobre as contribuições ou a falta de estímulo relacionado à pesquisa. Todos os entrevistados consideram a pesquisa importante para a formação dos alunos e citam os novos conhecimentos adquiridos como a principal contribuição. Alguns discentes citaram também a contribuição da pesquisa



para a prática da coleta de dados, um fator primordial para futuros profissionais da área de comunicação.

Quanto aos fatores desestimulantes, a maioria cita o tempo requerido para uma investigação, assim como a normatização do trabalho e a produção teórica. Tal posicionamento remete-nos novamente para a base escolar, onde prevalece o quesito decorar ao aprender, quer dizer, os alunos não são estimulados a buscar conhecimento fora da sala de aula, através de leitura e resolução de problemas práticos. Assim, quando chegam à faculdade e se deparam com esse novo método de ensino mostraram-se chocados com essa experiência e demoram a assimilá-la.

As quatro questões finais estavam ligadas ao posicionamento dos estudantes diante da pesquisa depois de terem contato com essa prática acadêmica. A maioria dos alunos disse-se capaz de realizar uma investigação depois de conhecer o processo, mas apresentam receio quanto ao ponto de partida, ou seja, eles têm dificuldade para iniciar o trabalho.

Os discentes foram unânimes ao afirmar que depois do contato com a pesquisa eles passaram a ter uma visão diferente dessa prática, compreendendo a necessidade das riquezas de detalhe, assim como esse trabalho aprofunda o conhecimento

sobre um assunto específico, reconhecendo dessa forma, quanto à investigação científica pode contribuir na formação profissional.

Dessa forma, percebe-se através das respostas dos discentes que o trauma inicial referente ao termo pesquisa é fruto do desconhecimento de seu papel acadêmico, pois todos os investigados reconheceram que depois de conhecer tal trabalho, mudaram a maneira como olham para uma investigação científica, além de serem capazes de reconhecer as contribuições dessa atividade para sua formação.

5 Considerações Finais

Esse artigo nasceu da preocupação do autor, professor de metodologia de pesquisa, com a reação apresentada pelos discentes diante dessa prática. Depois da aplicação do questionário para uma parcela dos discentes e da tabulação dos dados colhidos, o autor chegou à conclusão que esse trauma está ligado ao desconhecimento.

Os discentes apresentam essa barreira diante da atividade de pesquisa por que desconhecem o que é pesquisa científica e quais as contribuições desse trabalho para a sua formação, pois quando compreendem que tal atividade está relacionada ao aumento de conhecimento sobre determinado



objeto de estudo, mudam de atitude e reconhecem os aspectos positivos da prática.

As respostas permitiram identificar também uma falha no ensino básico que não utiliza a pesquisa de maneira correta, oferecendo aos alunos um ensino tradicional, pautado apenas em conhecimento transmitido em sala de aula e cobrado através de avaliações que prezam pela prática do decorar e não do compreender.

Por fim, esse artigo não tem a pretensão de encerrar o assunto e mostrar-se como o único caminho a ser seguido, mas pretende ser visto como uma porta para a discussão, que permita que a prática científica seja apresentada aos discentes já na formação básica, permitindo aos bancos acadêmicos aprofundar dentro das suas áreas específicas tal prática, diferente do que ocorre nos dias de hoje, quando perde-se um com tempo definindo para o discente o que é pesquisa e qual a sua importância na formação de cada indivíduo, para somente depois partir para a atividade prática.

Referências

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

GARCIA, Francisco Luiz. **Introdução crítica ao conhecimento**. Campinas-SP: Papyrus, 1988.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

HESSEN, Johannes. **Teoria do Conhecimento**. Tradução de Dr. Antônio Correia. 8. ed. Coimbra: Arménio Amado, 1987.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2005.